

## INVESTIGAÇÃO DO NARCISISMO NAS RELAÇÕES HUMANAS: UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA NA ÁREA PSICANALÍTICA

**Emilly Christine Ribeiro<sup>1</sup>, Profa. Dra. Alessandra Dilair Formagio Martins<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio CEUNSP, Itu, Brasil,  
emillycr.rib@gmail.com

<sup>2</sup> Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio CEUNSP, Itu, Brasil

**Resumo:** Esta pesquisa visa realizar uma investigação sobre o impacto do narcisismo nas relações humanas, através de uma visão psicanalítica, em que o narcisismo é dito como uma quantidade de energia libidinal voltada para o próprio indivíduo, investigado justamente como esse ser narcísico impacta e influencia as relações humanas na atualidade, relacionado a um ponto de vista sociológico, enfatizando a reflexão sobre o mundo moderno e a fragilidade das relações interpessoais.

**Palavras-chave:** “Narcisismo”; “libido”; “relações”; “narcisismo e psicanálise”.

### INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como base principal a abordagem psicanalítica, utilizando-se da perspectiva Freudiana e de autores da psicanálise contemporânea, foi realizada uma associação dessa base com a sociologia sobre a estrutura das relações na atualidade.

O termo “narcisismo” surgiu na história da mitologia grega de Narciso, um homem que rejeita o amor dos outros por estar apaixonado pelo seu próprio reflexo num lago, esse sujeito definha obcecado pela própria imagem, originando a flor denominada Narciso.

Em 1898, Havelock Ellis foi o primeiro a relacionar o “mito de Narciso” com a psicanálise, com o objetivo de designar indivíduos que tinham seu próprio corpo como objeto de desejo. Após Ellis, Paul Nacker (Ullrich; Da Rocha, 2019) utilizou esse mesmo termo no meio psiquiátrico, para descrever/definir as patologias em um estudo sobre perversão sexual. Já nos dias atuais usa-se esta expressão para designar o indivíduo com uma admiração exacerbada de sua própria imagem (Ullrich e Da Rocha, 2019).

Para melhor compreensão do tema é importante destacar a abordagem de Sigmund Freud, que foi um médico vienense, especializado em neurologia, hoje em dia conhecido como o “pai da psicanálise”. Quando começou seus atendimentos deparou-se com pacientes histéricas, que após seus estudos e encontros influenciado por outros profissionais, utilizou inicialmente da hipnose para tratar seus pacientes, identificando que resultava na estagnação de seus sintomas, entretanto, constatou que não eram

todos que precisavam e se beneficiavam da hipnose como tratamento (Bock; Teixeira, 2008).

O método psicanalítico, primeiramente foi conhecido como o método catártico, de Breuer (1895), que foi desenvolvido no tratamento da histeria, esse método consistia na descarga de afetos (catarse) vinculados à lembrança de experiências traumáticas, nessa época com base na prática da hipnose, porém Freud apontou falhas no método de Breuer, observando que não eram todos os pacientes que conseguiam ser hipnotizados, e não se encontrava um resultado de cura ao longo prazo, portanto, o método catártico foi sucessivamente adaptado ao método psicanalítico de Freud, que consiste em que através do relato das lembranças das experiências traumáticas, o afeto associado a essa cena seja liberado, trazendo melhora do sintoma neurótico. Após novas modificações e reconhecimento do método resultou no que é conhecido na contemporaneidade como método da associação livre de ideias (Leandro; Honda, 2008).

Entre as grandes obras e investigações de Freud foi introduzido o conceito de narcisismo, em 1914, em referência a isso, o autor definiu primeiramente o termo libido, como sendo uma quantidade determinada de energia de natureza sexual. Ou seja, o narcisismo como aspecto natural dos indivíduos associado ao desenvolvimento da libido, sendo a retirada da libido para o Eu, não algo singular de patologização. Após esta definição entendeu-se que o narcisismo “não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação, do qual justificadamente atribuímos uma porção a cada ser vivo” (Freud, 1914). Entendendo assim o seu principal conceito, a partir do momento no qual a libido é retirada do objeto



externo e voltada ao Eu, novamente, surgirá o narcisismo.

No livro "Introdução ao narcisismo", Freud aborda a questão do amor próprio, onde a própria definição no alemão traz a ideia de dignidade pessoal, orgulho e consciência dessa própria dignidade. Entre um dos fatos utilizados para compreender o amor próprio nesta obra foi o "não ser amado rebaixa o amor-próprio, enquanto ser amado o eleva" (Freud, 1914), que neste sentido, ser amado é o objetivo, ademais, a satisfação da escolha narcísica feita para com aquele objeto, em vista disso é possível observar que há uma dependência do amor próprio com a libido narcísica, porém uma dependência no seu sentido oposto.

Em que consiste esse sentido oposto? Significa que o investimento libidinal não aumenta proporcionalmente o amor próprio, mas que há na verdade um efeito rebaixador, pois se é entendido que quando se ama, perde uma parte de seu narcisismo, porque é investida parte da libido no objeto amado, significa a presença da vulnerabilidade e humildade, de certa forma até parte do seu orgulho, mas é apenas quando se é amado por outrem que seu narcisismo retorna (Freud, 1914).

O autor Nasio (1997) em seu trabalho "O livro da dor e do amor" explica que a perda do objeto amado parece preencher o vácuo que consequentemente traz o risco da dor com a perda. Será progredida essa discussão de modo fragmentado para melhor compreensão, o que seria esse "objeto amado"? ele pode ser tanto o amor em si, o amor do outro, o amor de si como autocuidado e/ou algo material pessoal, (dentro desse projeto é trabalhado de uma perspectiva do amor do outro e do amor de si) onde esse "objeto amado" irá preencher o vácuo, esse vácuo seria o vazio, a insatisfação de um desejo não realizado, a carência, que em partes pode-se analisar como uma falta, concomitantemente é visto como um sinônimo de vida, pois este vácuo/vazio é aquele pólo organizador da vida, necessário para viver. Portanto, o parceiro faz esse papel do objeto amado, que é o que excita, mas aquele que sempre vai satisfazer de maneira parcial, o deixando insatisfeito, concomitantemente tem-se a última parte da discussão, o risco da dor com a perda, onde toda essa energia que depositamos no objeto amado pode ser ameaçada, perdida, abandonada, portanto resultando na dor do amor.

É entendido como complemento do próprio conceito, citado anteriormente, de narcisismo em "nos habituamos a chamar de narcisismo a fase inicial do Eu, durante a qual tem satisfação dos instintos sexuais auto eróticos" (Freud, 1914), portanto descreve neste comentário que observar o próprio

corpo como um objeto de desejo é uma formação narcísica.

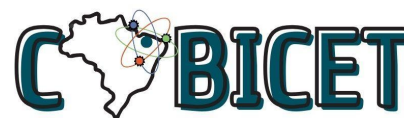
Referente a esse ponto, Freud (1914) aborda sua explicação inicial sobre narcisismo, que se estabeleceu em narcisismo primário e secundário. No narcisismo primário o estado inicial da libido, que ocorre na infância, encontra-se voltado para o próprio Ego, e quando este se desenvolve, torna-se narcisista, esse é um processo normal da estrutura do psiquismo, que visa investir, a energia psíquica, no próprio sujeito, esse processo relaciona-se às fases de organização da libido proposta por Freud, em que o bebê durante a primeira infância investe a libido (energia psíquica) no próprio corpo, relacionada as fases oral, anal e genital. Porém, o indivíduo não é capaz de se manter como seu próprio objeto de amor, a libido é voltada para um objeto exterior de si.

No narcisismo secundário, que vai se estruturar a partir da resolução dos Complexos de Édipo e Castração, por volta dos 4 a 6 anos, na fase fálica, a libido deixa de ser investida somente no próprio corpo da criança, seus objetos são de duas possíveis escolhas, a anaclítica e a narcisista, a primeira onde o objeto tem o parâmetro de investimento nas pessoas protetivas e cuidadoras em sua infância, enquanto a narcisista o indivíduo tem como parâmetro de escolha investimento no seu próprio Ego, destacando que essa escolha é inconsciente (Reis, 1984).

Freud (1914) apresentou em sua obra "Introdução ao narcisismo" que:

(...) a mais elevada fase do desenvolvimento a que chega esta última (libido do objeto) aparece como estado de enamoramento; ele se nos apresenta como um abandono da própria personalidade em favor do investimento de objeto, e tem seu contrário na fantasia (ou autopercepção) de fim do mundo dos paranoicos. (Freud, 1914, p 9.)

Nessa citação foi apresentada a libido psicanalítica em dois caminhos em termos da organização na personalidade. O primeiro caminho é quando ela é voltada para o outro e depois, quando necessário, retorna para si mesmo, estabelecendo assim uma relação saudável inter e intrapessoal. Nos dias atuais, é demonstrado como isso é aplicado e impregnado na ideia de amor próprio, com a libido voltada para si mesmo, a retirada da libido para o eu. Mas há um outro caminho, quando há pouco retorno ao outro,



resultando em um indivíduo centrado em si mesmo, apenas na sua realidade-egoísmo-ego.

### Relações no contexto atual

Na atualidade as relações conversam intensamente com a lógica do mercado, onde mercadorias defeituosas, ou não plenamente satisfatórias, podem facilmente ser trocadas por versões novas e aperfeiçoadas, fazendo relação com as parcerias nos dias atuais, sendo consideradas da mesma forma, ou seja, facilmente descartadas quando não são mais satisfatórias, e assim, substituídas. (Bauman, 2003).

Para nós, os meros habitantes deste líquido mundo moderno que detesta tudo que é sólido e durável, tudo que não se ajusta ao uso instantâneo nem permite que se ponha fim ao esforço, tal perspectiva pode ser mais do que aquilo que estamos dispostos a exigir numa barganha (Bauman, 2003, p 46).

Essa perspectiva traz uma discussão sobre o imediatismo da contemporaneidade, podemos imaginar que todos os indivíduos têm uma balança de esforços, como uma balança de pesos, onde a situação que gerar menos esforço, portanto, mais fácil, e que libera dopamina (prazer) imediato é majoritariamente escolhida, que se tem como objetivo o prazer de modo rápido, até mesmo instantâneo. Porém, do outro lado da balança há uma situação que demanda esforço e durabilidade a longo prazo, onde a dopamina não lhe é fácil ou imediata, ou seja, não gera o que lhe é requisitada no momento presente, portanto, não é uma opção majoritariamente escolhida por indivíduos em um mundo imediatista.

Em sua discussão sobre o amor líquido e as relações humanas, Bauman (2004) aborda sobre afinidade, diferenciando a afinidade no quesito de parentescos com aquela que está atrelada à escolha. A partir de sua reflexão entende-se que o parentesco, os laços sanguíneos, são voltados a algo durável, sólido, e até mesmo confiável, e que seria na verdade desejável que houvesse uma escolha, diferentemente do que ocorre na afinidade, que se encontra em outras relações interpessoais, nelas tem-se a escolha, pois “a afinidade nasce da escolha”. Essa afinidade cresce e surge com a escolha de ser reafirmada diariamente, com ações novas, para não murchar e definhar.

A partir disso, Bauman (2004) analisa que a escolha pode ser tanto o poder para a afinidade, onde contribui para relações saudáveis que ambos parceiros escolhem desenvolver dentro da relação em

uma “via de mão dupla”, como também é sua perda, já que nessa escolha há possibilidade da consciência de voltar atrás, dar meia volta, resultando no desânimo.

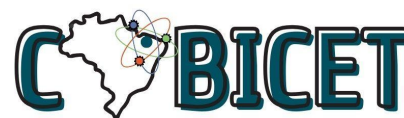
A atual modernidade de imediatismos e de “sempre querer novas satisfações”, é voltada para a escolhas de afinidade que pesam na balança do momento presente. A escolha de uma relação com promessas e intenções claras, onde precisa de disposição de estar em algo durável, para nutrir os laços de afinidade e que, portanto, é necessário mais esforço, se não é mais atrativa do que a escolha de “deixar todas as opções em aberto”, aquela com menor esforço, menor disposição e que há modestas intenções e promessas.

Cunha (2021) analisa a teoria das personalidades narcísicas de Kohut como um repertório para a atualidade, sua ideia de self grandioso traz a ideia de uma compensação narcísica dos sujeitos, em que se encontram na fixação fases anteriores da organização psíquica do ser, para conseguir lidar com a falta, lidar com a carência de cuidado do outro, apresentando assim um aspecto do trauma geracional da atualidade. (Kohut, 1971 *apud* Cunha, 2021). Cunha mostra em seu trabalho que se o indivíduo tem um equilíbrio emocional, estabelecido precocemente nas suas relações objetais, será menos traumático, psiquicamente dizendo, a este em caso da perda objetal, em momentos posteriores.

Ullrich e Da Rocha (2019) afirmam que os traços de narcisismo psicanalíticos da sociedade atual são marcadas pelo egocentrismo, e como majoritariamente com indivíduos pouco empáticos e individualistas, que demandam admiração, atenção e reconhecimento exacerbados, onde neste caso a internet, seus ‘posts’, exibicionismo de aspectos de vida e corporal, e sua resposta imediatista contribuem exponencialmente para a autovalorização deste indivíduo, e concomitantemente afeta os vínculos, onde estes indivíduos narcisistas não admitem erros e frustrações, impactando diretamente na precarização de vínculos interpessoais e desconstruções de valores, onde a subjetividade e o caráter não possuem um valor tão superior como da beleza e da exposição as redes sociais. (Ullrich; Da Rocha; 2019)

Em relação a esse aspecto, a mídia social se encontra como um incentivo ao egocentrismo, pela sua busca insaciável por validação e perfeição, de vida e de corpos, indiferença com o outro, refletindo um avanço de comportamentos narcísicos.

Ao mesmo tempo que um se expõe, auxilia o outro que está assistindo à exposição da sua vida a conseguir mais validação, pois além da auto admiração, o auto relatar sua vida, o autoerotismo



desta situação, também remete a sentir a admiração dos outros, para se sentir superior a este, como um reforço para o narcisista (Petrella, 2016 apud Ullrich; Da Rocha; 2019). É válido salientar que não são todos os casos que envolvem diretamente uma exposição nas redes sociais como comportamento narcísico.

Portanto foi realizada uma investigação, através de uma pesquisa bibliográfica, com revisão de artigos e livros sobre o tema elencado, buscando compreender a forma como a libido investida no narcisismo influencia as relações humanas na atualidade.

Com levantamento de dados de publicações científicas sobre o narcisismo e seu movimento, buscando associar ao investimento das relações interpessoais e entendimento de como esses indivíduos afetam e são afetados por essa maneira de se relacionar na contemporaneidade.

#### MATERIAL E MÉTODOS

Para o desenvolvimento dessa pesquisa bibliográfica foram investigados conteúdos de artigos, revistas e livros científicos publicados em sites como Google acadêmico, Scielo e BVS-psi. A presente pesquisa se encaixa na categoria de pesquisa revisional, com utilização de materiais tanto psicanalíticos como sociológicos, pois parte do tema apresenta a necessidade de buscar compreender sobre relações interpessoais, intrapessoais e a sociedade.

Para o avanço dessa pesquisa foram utilizadas palavras chaves como “narcisismo e psicanálise”, “narcisismo e relações”, “narcisismo e libido”, “libido e relações”, para encontrar livros e artigos nos seguintes sites: Google acadêmico, Scielo, BVS-psi e Pepsic. Foi realizada uma análise inicial com abertura para busca nos últimos 20 anos de estudos publicados, com foco na temática voltada ao projeto.

Durante a pesquisa foi observada uma dificuldade em encontrar textos de correlação com esse tema, foi possível observar uma quantidade exacerbada dos conteúdos de trabalhos sobre o narcisismo, mas característicos a este tema identificados poucos resultados com relação às palavras “relações”, “libido” e “psicanálise”, voltadas ao interesse da pesquisa em si.

A grande maioria dos textos selecionados foram da plataforma Scielo, que apresentou conteúdo diretamente ligado ao tema específico e alguns livros como “Narcisismo de vida, narcisismo de morte” (Green, 1998), “Amor Líquido” (Bauman, 2004), “Introdução ao Narcisismo” (Freud, 1914), “Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia” (Bock, 2008) e “Teorias da personalidade

em Freud, Reich e Jung” (Reis; Magalhães; Gonçalves, 1984).

A partir de uma pesquisa bibliográfica inicial foram selecionados dez artigos, porém com a análise mais aprofundada do assunto, a partir da leitura dos artigos, mostrou-se necessário refinar para oito textos para a organização de dois eixos norteadores para análise (conceito de narcisismo e narcisismo e relações interpessoais), pela convergência de temas que se mostraram desnecessários ao desenvolvimento da pesquisa. (Barbosa, Campos e Neme (2021); Celes, Alves e Santos (2008); Cunha (2021); Fulgêncio (2002); Naves (1999); Rios (2008); Da Silva (2020); Ulrich e Rocha (2019)).

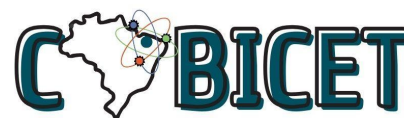
#### RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa teve como objetivo principal buscar compreender como o narcisismo impacta as relações humanas, para tanto foi realizada uma pesquisa bibliográfica a partir dos principais indexadores da área e selecionados oito trabalhos sobre a temática, a análise desse material se deu a partir de dois eixos norteadores: conceito de narcisismo e narcisismo e relações interpessoais.

Discutir libido implica no conhecimento da existência de uma energia psíquica, o autor Fulgencio (2002) traz essa discussão da libido proposta por Freud como uma teoria especulativa, onde primeiramente deve-se analisar que tanto a pulsão como a libido são na verdade mitos, necessárias para o entendimento da psique, porém não tem um referencial concreto, como as energias descritas na física e biologia. Desse modo, a pulsão é de derivação quantitativa, pois é um sobrecarga de energia que será impulsionada em determinada direção, as pulsões sexuais são chamadas de libido.

Conforme preconizado por Freud (1914), em sua explicação sobre a organização da personalidade do Eu, temos seus caminhos, os movimentos da libido, onde essa energia está investida na sua relação com outro, e quando necessária volta para si mesmo, sendo esse movimento parte de uma relação saudável entre o inter e intra pessoal. De acordo com o mesmo autor, o sentimento e a ação de investimento da libido do objeto, é mais conhecida por amor, uma vez que ao ocorrer a saída da libido investida no Eu, partindo em direção aos objetos, é vislumbrada a possibilidade do sujeito de amar.

Melman (2019) propõe uma explicação a partir da teoria da economia psíquica de Freud, em que na economia psíquica entende-se a libido do Eu e a do objeto de uma maneira inversamente proporcional, sendo assim, quando ocorre uma diminuição da libido objetiva, ocasiona o aumento da libido do Eu.



Sob essa óptica Melman (2019) traz à luz sua reflexão em relação à teoria de Freud considera essa redução da libido objetual e supõe-se uma proporcional redução do campo amoroso (Melman, 2019, *apud*, Da Silva, 2020).

Ravanello e Martinez (2013) em um estudo a respeito do campo amoroso dentro da teoria freudiana analisaram o amor como um dos elementos da teoria psicanalítica, concluindo não haver um fenômeno e conceito restrito a respeito do amor, sendo esse, na verdade, multifacetado e polissêmico, que se relaciona com os termos de pulsão, libido e transferência. Os autores trazem uma perspectiva do amor, mesmo objetual (investimento num objeto/outro externo), que acaba sendo sempre um descendente de um amor inicialmente egóico, narcísico, portanto, ao se voltar a um objeto, a alguém, resultará em um amor idealizado dependendo das expectativas vividas no infantil de cada um, citando Freud (1914) “o estar apaixonado consiste num fluir da libido do ego em direção ao objeto. Tem o poder de remover as repressões e de reinstalar as perversões”.

Em contrapartida para Fairbairn (1980 *apud* Celes, Alves e Santos, 2008), a libido não busca o prazer em si, mas sim o objeto, apontando para o abandono do papel da sexualidade na constituição psíquica, a busca pelo prazer é vista como função secundária frente falhas de adaptações. Portanto, possibilitando um outro viés a respeito da percepção da libido como amor, no qual o psiquismo se desenvolve conforme a ênfase no apego do objeto, todavia, é um psiquismo que se fecha, acaba voltando-se para si mesmo devido a cisão do ego, suas partes e aos objetos internalizados deste.

Com base na teoria de Rios (2008), esse encapsulamento, ou seja, acreditar que não precisa de alguém além de si mesmo, é na verdade um recurso de proteção contra o incômodo e decepção que provém do ato de se relacionar, sendo necessário adquirir exercícios da tolerância, da reflexão, do diálogo, da autocrítica e do esforço para mudar, não sendo algo rápido ou fácil, muito menos imediato, pois tem-se muito trabalho no amor. Assim como citado pelo autor, “evitamos dores de amores pelo outro e afundamos nas dores do vazio de si mesmo”, mesmo que o indivíduo acredite que ele “se basta”, evitando se relacionar para evitar um possível sofrimento.

A partir das ideias propostas, pode-se analisar conforme aponta Bauman (2003) inicialmente, os “relacionamentos puros”, aqueles com a durabilidade “até segunda ordem”, dificilmente conseguem construir, desenvolver e enraizar a confiança. Ainda que o próprio indivíduo não tenha essa perspectiva de fragilidade e fugacidade relacional, o outro na

relação pode ter se tornado este um ser dependente deste na relação, pois esta não precisa ser recíproca, sem promessas e garantia da permanência do outro. (Bauman, 2003)

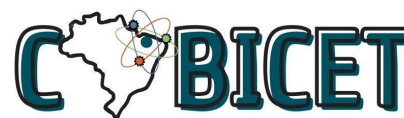
Ullrich e Rocha (2019) apresentam uma perspectiva da atualidade como a “Era do narcisismo”, onde a libido é encontrada e voltada ao Eu de forma exacerbada, de modo que se pode ver uma era de egoísmo e indiferença com o outro, e valorização de interesses pessoais individuais. O autor traz em seus questionamentos as teorias de Freud em relações e narcisismo: “Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar.” (Freud, 2010, p. 20).

Cunha apresenta sua perspectiva de relações precarizadas analisando a ideia de Kohut (1971) em relação a personalidades narcísicas, o Self Grandioso, sendo esse uma compensação narcísica, que a partir de fases na infância onde houve essa fixação, resultado de uma tentativa de lidar com a carência, a falta, do olhar cuidadoso do outro, se tornou desse modo, um aspecto da dimensão do trauma relacional na atualidade. Aponta em sua teoria, que um indivíduo que obteve na infância um equilíbrio emocional em suas relações objetais não terá esse trauma como algo avassalador, sentido como ocorrendo a perda do objeto, durante o restante de sua vida.

Barbosa, Campos e Neme (2021) trazem a perspectiva de que o ser humano com essa necessidade incessante de se defender da angústia para não ter a experiência de aniquilação psíquica e pelo desamparo, começa a fugir em busca de proteção absoluta e amparo, foge do amor, pois o próprio Freud aponta que “nunca estamos mais desprotegidos ante o sofrimento do que quando amamos, nunca mais desamparadamente infelizes do que quando perdemos o objeto amado ou seu amor” (1930/2010, p. 39).

Dentro da perspectiva desse autor é possível analisar que na atualidade esse isolamento é decorrente de ser o outro muito mais visto como uma ameaça de desamparo, do que o oposto, sendo este um indivíduo de ajuda, auxílio e amparo, pois se o outro for aniquilado, o Eu será lançado na solidão e não terá um “bote salva vidas”, um suporte.

Naves (1999), por outro lado, em uma de suas análises apresenta pela concepção de Racamier (1985) o conceito de perversão narcísica, sendo caracterizada pela necessidade e o prazer predominante do indivíduo ao valorizar a si mesmo em detrimento do outro. Sob essa perspectiva foi



analisado pelo autor que no relacionamento objetual o outro passa a ser utilizado apenas como um instrumento para satisfazer exigências pulsionais e manter o investimento narcísico.

De forma contrária a essa ideia, Barbosa, Campos e Neme (2021), trouxeram a posição de Costa (1988), junto com a teoria de outros psicanalistas, que compreendem esse narcisismo contemporâneo de uma forma oposta à de um gozo hedonista com o próprio sujeito. Este mesmo autor explica o conceito de narcisismo regenerador, como uma configuração do narcisismo da atual sociedade que foi “desenvolvido” frente a um modo de sobrevivência devido a violência e ameaças do mundo atual e sobre a sociedade de consumo, pelos excessos e fragilidade de informações, onde a busca para a satisfação nunca cessa e o ideal não é alcançado.

Baseado nessas informações, o que o Eu almeja não é o outro indivíduo, mas sim a própria imagem. Nessa perspectiva o outro não é internalizado, resultando nas relações líquidas que Bauman (2004) trouxe em sua teoria, parte para uma busca incessante que não há garantia de que permanecerá na relação, e não permitirá olhar para as profundezas, “andando em águas rasas” para não revelar o Eu real que pode ser indesejado.

Esse autor (Bauman, 2004) traz em seu livro a descrição de um “relacionamento puro”, sendo este o relacionamento predominante na contemporaneidade, onde entra-se a partir da ideologia de mercado supracitada, assim analisada a partir de “o que cada um pode ganhar” e “irá continuar se o que o outro estiver proporcionando seja suficientemente bom”.

Assim trazendo a descrição de Anthony Giddens (1992) para complementar sobre o formato das relações atuais onde se distinguem das relações de tempos anteriores, como em relação ao casamento, um compromisso incondicional, duradouro e garantido, a não ser por circunstâncias extremas, que o “até que a morte os separe” consegue ser visto como uma armadilha que deve ser evitada (Bauman, 2003, p. 113).

É uma característica do relacionamento puro que ele possa ser rompido, mais ou menos ao bel-prazer, por qualquer um dos parceiros e a qualquer momento. Para que uma relação seja mantida, é necessária a possibilidade de compromisso duradouro. Mas qualquer um que se comprometa sem reservas arrisca-se a um grande

sofrimento no futuro, caso ela venha ser dissolvida. (Giddens, 1992, p. 58-137)

A partir dessa análise é possível observar que a forma como nosso psiquismo se desenvolve a partir de como nossas relações iniciais foram desenvolvidas e as defesas psíquicas estruturadas impactam na forma como o sujeito passa a se relacionar na sociedade, moldando paradigmas culturais como na contemporaneidade em que o individual se destaca em detrimento do coletivo, por medo de vínculos mais intensos que podem colocar em risco o próprio Eu do sujeito, destacando dessa forma, relações mais fugazes, superficiais e pautadas nos interesses do mercado, colocando o outro como algo que pode ser descartado, para evitar o medo do “descarte” do próprio sujeito e gerando um superinvestimento de si, muitas vezes patológico, pois tem que dar conta das contingências de mercado e não dos desejos autônomos.

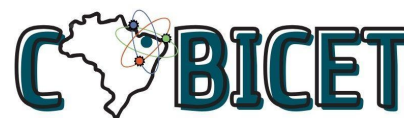
## CONCLUSÃO

A partir dos dados apresentados, pode-se analisar e compreender o conceito de narcisismo para os autores trazidos, com ênfase na teoria freudiana, analisando a personalidade de um ser egóico, o modo como a infância compõe uma dimensão do trauma relacional na atualidade, na qual o indivíduo foge de situações aniquiladoras e desprotegidas, com foco no próprio amor.

Segundo Minerbo (2016, p.187) “o sofrimento narcísico está ligado às falhas na constituição do eu e à ferocidade do supereu. Ambos estão relacionados à extensão e à precocidade das defesas que o eu incipiente foi obrigado a usar para lidar com o trauma precoce”.

O modo como o adulto funcional demonstra o seu narcisismo nas relações, pode ser analisada por dois vieses, onde essa relação é apenas para valorização do eu e o outro como instrumento desse ego, onde acredita não precisar do outro, por outro lado, pode ser visto mais profundamente, como uma forma de proteção ao medo, ao incômodo e a decepção, até mesmo ao luto, pois sem um suporte ou “bote salva-vidas”, que pode ser visto como sendo essa proteção e barreira, será aniquilado e assim sofrerá da perda e o vazio causado pelo outro, quando perder ou este decidir ir embora, portanto, não “abrindo portas” a esse amor e a esse medo.

O envolvimento de fato com o outro, criar raízes e expectativas, não ocorre, sendo que, pela fragilidade desses laços e a escassez de garantia e permanência, pode-se na primeira demonstração de erro e dificuldade, desistir e ir embora.



Portanto, a proposta deste estudo foi demonstrar dados para contribuir para a psicologia, ciência e profissão e teorizações psicanalíticas a partir de questionamentos no impacto do narcisismo nas relações interpessoais contemporâneas, observando como o narcisismo consegue influenciar não apenas no indivíduo em si, mas devido ao seu desenvolvimento desde a infância, até como sua proteção gera impacto em seus relacionamentos, tornando-os fragilizados e as consequências sociais dessa forma de relacionamento interpessoal, caracterizando sociedades mais focadas no individual do que no coletivo, como forma de proteção alienada.

#### AGRADECIMENTOS

Agradeço ao PROPEX - CEUNSP, Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio.

#### REFERÊNCIAS

BARBOSA, C. G., CAMPOS, E. B. V., NEME, C. M. B. Narcisismo e desamparo: algumas considerações sobre as relações interpessoais na atualidade. *Psicologia USP*, v.32, 1-10 p, 2021.

BAUMAN, Z. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Zahar. Rio de Janeiro, 2004.

BOCK, A. M. B. FURTADO, O. TEIXEIRA, M. L. T. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. Saraiva, São Paulo, 2008.

CELES, L. A. M.; ALVES, K. C. M; SANTOS, A. C.G.. Uma concepção psicanalítica de personalidade: teoria das relações objetais de Fairbairn. *Psicologia em Estudo*, v. 13, p. 53-61, 2008.

CUNHA, M. P. Relações precarizadas, mundo traumatizado: uma retomada de Heinz Kohut e sua importância para a atualidade. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, v.24, p 88–97, 2021.

FULGENCIO, L. (2002). A teoria da libido em Freud como uma hipótese especulativa. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, v. 5, p. 101–111. 2002.

FREUD, S. Introdução ao narcisismo. Companhia das letras, São Paulo, 1. ed. 1914.

GREEN, A. Narcisismo de vida, narcisismo de morte. Escuta, São Paulo, 1998.

LEANDRO, M. A.; HONDA, H.. A Construção do Método Psicanalítico nos Primórdios da Psicanálise (1887 – 1896). *Revista Cesumar – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, [S. l.]*, v. 13, n. 1, p. 144–156, 2008 .

MINERBO, M. Diálogos sobre a clínica psicanalítica. Blucker, São Paulo, 2016.

NASIO, J. D. O livro da dor e do amor. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

NAVES, E. T. O papel da recusa nas relações entre o narcisismo e a perversão. *Revista Latinoamericana De Psicopatologia Fundamental*, v. 2, p. 108–120, 1999.

RAVANELLO, T. MARTINEZ, M. C. Sobre o campo amoroso: um estudo do amor na teoria freudiana. *Caderno psicanálise- CPRJ*, Rio de Janeiro, v. 35, n. 29, p. 159-183, 2013.

REIS, A. O. A. MAGALHÃES, L. M. A. GONÇALVES, W. L. Teorias da personalidade em Freud, Reich e Jung. EPU, São Paulo, 1984.

RIOS, I. C. O amor nos tempos de Narciso. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*. Botucatu. v.12, n. 25, p. 421 - 426, 2008.

SILVA, Erilda Jovanina. Considerações acerca do campo amoroso na psicanálise Freudiana. Dissertação (Mestrado em em Psicologia)- Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, mar. 2020.

ULLRICH, Amanda; DA ROCHA, Guilherme Aparecido. A era do narcisismo: condutas narcísicas na sociedade contemporânea. *Cadernos da FUCAMP*, v. 18, p. 35-50, 2019.